

A construção da imagem de FHC na mídia impressa (1993 – 1994)

David Renault

Resumo: Este texto objetiva refletir sobre o papel da mídia impressa brasileira na CONSTRUÇÃO da imagem de Fernando Henrique Cardoso a partir de sua posse como Ministro da Fazenda, em maio de 1993, em um processo que culminou com a sua eleição para a Presidência da República, em 1994. Essas reflexões levam em conta, entre outras, contribuições teóricas de estudiosos sobre representações sociais e dos valores-notícia do jornalismo.

Palavras-chave: mídia impressa, imagem, eleição presidencial, FHC.

Breve contextualização histórica

No final de junho de 1994, o senador Fernando Henrique Cardoso (FHC), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), candidato da coligação que envolvia também o Partido da Frente Liberal (PFL) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), patinava em 17% das intenções de votos para as eleições presidenciais que se realizaram em três de outubro, em primeiro turno. Era praticamente o mesmo índice apontado por pesquisa do Instituto Datafolha dias 2 e 3 de maio, pouco mais de um mês depois que ele se desincompatibilizou do Ministério

para se candidatar. O favorito absoluto nas intenções de votos, com 42%, era Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), candidato da coligação que reunia outras agremiações, como o Partido Socialista Brasileiro e o Partido Comunista do Brasil. Dos demais candidatos, Leonel Brizola tinha 8% e, Orestes Quéricia, 7%.

Em primeiro de julho de 94 começou a circular no Brasil o real, a nova moeda nacional, na esteira do Plano Real, cuja preparação foi iniciada quando Fernando Henrique assumiu o Ministério da Fazenda do Presidente Itamar Franco, em 21 de maio de 93. O Plano e a nova moeda, largamente aprovados pela maioria da população, mudaram a face da eleição. Já no final de julho, outra pesquisa Datafolha indicava um empate técnico entre os dois principais candidatos: Fernando Henrique com 29% e Lula da Silva com 32%. Nova pesquisa Datafolha, dias 8 e 9 de agosto, já mostrava o candidato do PT atrás, com 29% dos votos, e FHC com 36%. Ao final, FHC venceu por 54,27% contra 27,04% dos votos.¹

O Ministro da Fazenda quando da implantação do real era Rubens Ricuperio, mas nem ele nem Itamar Franco ficaram

¹ Os dados sobre as pesquisas eleitorais do Instituto Datafolha entre os meses de maio a setembro de 1994 foram retirados no site www.folha.uol.com.br/folha/datafolha, em outubro de 2005.

nos principais registros históricos como pais do Plano Real, que culminou com a nova moeda e mudou a face da economia brasileira, com a estabilização da inflação. Para se ter uma idéia, em junho de 1993, o último mês antes do real, a inflação foi de 50%. Um ano depois estava em torno de 2%. Fernando Henrique ficou conhecido como o “pai” do real, o Plano e a moeda. Registre-se, com uma dose de justiça, pois quando ele saiu da Fazenda deixou pronta a formatação final do Plano e própria fase de transição do cruzeiro real, a moeda de então, com a Unidade Real de Valor (URV) – um indexador com correção diária utilizado paralelamente ao cruzeiro, entre os meses de março e junho de 93.

As representações da mídia e os valores-notícia

Esta breve retomada dos acontecimentos é importante para chegar ao objetivo principal deste artigo, que fundamenta-se na tese de doutorado que defendi no Departamento de História da Universidade de Brasília em dezembro de 2006, sobre a *Era FHC nas representações da mídia impressa – 1993 - 2002* (Renault, 2006). Os dados e informações aqui citados foram retirados desta tese, elaborada ao abrigo da História Cultural, área de concentração que permite transitar entre o político e o econômico, entre o

jornalismo e a história, que possuem afinidades naturais.

A reflexão se dá com base nos chamados *pontos de inflexão*, que resultam de uma seleção de *acontecimentos* dentro do acontecimento mais amplo e pautaram a estruturação da pesquisa. (Negrão de Mello, 1987, p.219). A reflexão sobre o noticiário de jornais e revistas brasileiros de referência, por sua tiragem e circulação,² aponta representações favoráveis à imagem de um intelectual e ator político, a partir da sua posse no Ministério da Fazenda, e em outros períodos. Aqui, especificamente, interessa refletir sobre as representações do primeiro momento.

Denise Jodelet entende representação social como *uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*. As representações circulam nos *discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais*. Assim, intervêm em processos como a difusão e assimilação dos conhecimentos, *o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e*

² A pesquisa aqui citada foi realizada nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil e as revistas Veja e Istoé.

sociais, a expressão dos grupos e a transformação social. Observa-se também que, no cotidiano, as representações têm importante papel, servem de guia para *nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária*, na forma de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, mesmo, *posicionar-se frente a eles de forma defensiva.* (Jodelet, 2001, p.17) E as representações podem formar um *conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação.* (Abric, 2001, p.156)

Para o historiador Roger Chartier, as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam, o que exige que em cada caso se faça o devido relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Esses discursos não são neutros, porque produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, as lutas de representações são tão importantes quanto as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. (Chartier, 1990, p.16 - 18)

Na reflexão do noticiário da mídia interessa também o diálogo com a Análise do Discurso, em função da sintonia com o princípio que a rege, ou seja, a busca de sentidos. Nos dois campos, o registro do simbólico investido de significância para e por sujeitos. Conforme lembra Orlandi, não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (Orlandi, 1999, p.26)

Voltando a atenção especificamente para referenciais jornalísticos, recorreremos a Traquina, quando lembra que foi o italiano Mauro Wolf quem apontou que os valores-notícias estão presentes nos processos de seleção dos acontecimentos e de construção da notícia. Sendo que, para Wolf, os valores-notícias de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na decisão de escolher o acontecimento que se transformará em notícia, em detrimento de outro. (Traquina, 2005:a, p.78).

Com base em Wolf e reflexões de outros autores, Traquina também lista *critérios substantivos* dos valores-notícia de seleção, que servem à nossa reflexão neste texto. Entre eles, a **notoriedade** do ator principal do acontecimento que vai se transformar em notícia; a **proximidade** do fato, em termos geográficos ou culturais; a **relevância** do acontecimento, que tem

impacto sobre a vida das pessoas, uma cidade ou país; a **novidade**, o que há de novo; ou o **inesperado**, que surpreende. (Traquina, 2005:b, p.79 – 88)

O estardalhaço da imprensa com a nomeação de Fernando Henrique para o Ministério da Fazenda, em primeiro lugar, sem dúvida, mostra várias questões que são compreensíveis se analisadas sob a ótica dos valores-notícia. Afinal, havia a **novidade**, um fato novo. Tratava-se do quarto ministro da Fazenda do Governo Itamar Franco em apenas oito meses, que assumiria em meio ao escândalo da queda de Eliseu Resende, acusado de se empenhar para favorecer a empreiteira brasileira Odebrecht, para a qual trabalhara antes de assumir o Ministério³. Antes dele foram ministros da Fazenda de Itamar Franco, Gustavo Krause e Paulo Haddad.

Em torno do noticiário sobre FHC havia o valor-notícia **proximidade**, um assunto brasileiro que interessava a todo o País. Havia a **relevância** do fato, pois era o cargo mais importante da área econômica do Governo. E **notoriedade**. Um dos intelectuais mais renomados do País, entrara para a política, tornara-se senador por São Paulo e ocupava o ministério das Relações Exteriores desde o começo do Governo Itamar Franco, no final de 92.

³ Informações sobre as relações de Eliseu Resende com a Odebrecht estão na revista **Veja**, 12/05/1993, edição 1.287, p. 18-21.

Mas havia também o **inesperado**, um sociólogo, ex-professor universitário e político indo cuidar diretamente da complexa área de economia e finanças, com as quais nunca tivera intimidade.

A construção de uma imagem

A reflexão sobre o noticiário da mídia impressa à cerca da nomeação Fernando Henrique para o Ministério da Fazenda aponta indícios, porém, de que, ali, havia a intenção de favorecer a imagem de um nome que pudesse ser uma alternativa à Lula da Silva. Depois de ter perdido a eleição para Fernando Collor de Mello no segundo turno, em 1989, o candidato do PT despontava então como favorito absoluto para as eleições marcadas para 94, com cerca de 30% das intenções de voto, segundo pesquisas de opinião da época.

As notícias dos principais jornais brasileiros que circularam na manhã de 21 de maio, dia da posse de FHC, indicam que procurava-se mostrar aos País que, a partir daquele momento, existia na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, algo mais do que um simples Ministro. Fernando Henrique assumiria com *plenos poderes, com autonomia total e como virtual primeiro-ministro*, de acordo com **O Estado de S. Paulo**, que dedicou nada menos que um caderno especial com oito

páginas sobre a mudança ministerial e seus possíveis desdobramentos.

A **Folha de S. Paulo** destacou que uma das condições do novo Ministro para assumir foi ter *carta branca*, enquanto o **Jornal do Brasil** e o **Globo**, mirando o futuro, disseram que FHC não daria *sustos no mercado* com choques econômicos. Congelamentos, *só de gastos*, numa alusão aos pacotes econômicos que infernizaram a vida dos brasileiros desde o Plano Cruzado, em 1986, no Governo do presidente José Sarney. O **Globo** também enfatizou que a calma nos mercados de ouro e câmbio e a euforia na bolsa de valores eram provam de que o mercado financeiro reagira de forma favorável à indicação do novo Ministro.⁴

Indícios do que poderia ser o país com o novo Ministro já estão nas edições dos jornais do dia 21 de maio, com base, sobretudo, em entrevistas que FHC concedera em Nova York, antes de tomar um avião para o Brasil. Ora, Fernando Henrique fizera uma parada na cidade na volta de uma viagem ao Japão como Ministro das Relações Exteriores, mas, depois de anunciado como Ministro da Fazenda, manteve uma série de encontros com autoridades, uma indicação de que

⁴ Edições do dia 21/05/1993: O Estado de S. Paulo, Política, p. 1; Folha de S. Paulo, primeira página; Jornal do Brasil, Política e Governo, p. 3 – 4; O Globo, O País, p. 3 – 5. Daqui em diante, utilizarei no texto apenas os nomes Estado, Folha, Globo e JB para esses jornais, quando citados.

tinha prestígio junto a políticos, intelectuais, representantes de governos e organizações multilaterais, além de dirigentes de setor econômico-financeiro.

Lembrando que ele foi *o único brasileiro presente à posse* do presidente norte-americano Bill Clinton no mês de janeiro anterior, a revista **Istoé** detalha uma agenda improvável para quaisquer dos antecessores de FHC. Esteve com o secretário do Tesouro norte-americano, Lloyd Bentsen, o chefe do Conselho de Segurança Nacional, Anthony Lake, o representante de Comércio da Casa Branca, Mickey Kantor, o secretário de Estado, Warren Christopher, e com o vice-presidente, Al Gore. A revista diz que ele falou ao telefone com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, e recebeu o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Boutros Ghali. Também se encontrou com William Rhodes, vice-presidente do Citicorp, que era o maior credor individual do Brasil.⁵

A trajetória pessoal e política de FHC também ocupou muito espaço nos jornais e revistas, com destaque para a figura do professor universitário, intelectual reconhecido no Brasil e no exterior, um dos mais preparados, senão o mais preparado, naquele momento, para

⁵ Istoé, 26/05/1993, edição 1.234, p. 26.

comandar a política econômica da Nação. O caderno especial que o **Estado** publicou no dia 21 de maio traz, por exemplo, seis fotos de arquivos de Fernando Henrique, entre elas, uma quando dava aula como auxiliar de ensino na Universidade de São Paulo em 1958, e outra no dia de defesa de sua tese de doutorado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da mesma universidade, em 1961.⁶

Para a **Veja**, além do intelectual, há um conciliador, perfil que, aliás, seria reiterado pela mídia durante o seu governo:

*Intelectual brilhante, desenvolveu a celebrada Teoria da Dependência, considerada uma das raras interpretações criativas de um trabalho do revolucionário russo Vladimir Lênin, o livro **Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo**. Na França, foi professor de Daniel Cohn-Bendit, líder das barricadas de maio de 68. Fernando Henrique usou seu prestígio nos meios universitários para ajudar Cohn-Bendit a livrar-se de um processo de expulsão, movido por um ministro inconformado porque aquele estudante de cabelos ruivos e alemão de nascimento o chamara de fascista numa manifestação.*⁷

A mídia lembrou que FHC era professor universitário aposentado pelo regime militar e foi obrigado a ir trabalhar em universidades do Chile, Estados Unidos, França e Inglaterra. Depois que voltou ao Brasil foi um dos fundadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), em 1969, e lutou pela redemocratização do país, tendo sido senador entre 1983 e 1992, quando se licenciou do Senado para assumir o Ministério das Relações Exteriores do Governo Itamar Franco.

A **Veja** destaca que FHC é do tipo que prefere *agradar a desagradar* a alguém. *Afável, possui uma paciência infinita e um bom humor de dar inveja.* Refere-se a alianças com *companhias estranhas, como Orestes Quércia*,⁸ mas das quais se afastou *sem manchas*. Amadurecido, era outro homem. *O intelectual esquerdista ficou para trás, mas, mesmo em um jantar com tubarões da Fiesp, é impossível deixar de acreditar na sinceridade de suas preocupações com as mazelas sociais do país.*⁹

Os jornais de 21 de maio deram, também, grande destaque de suas entrevistas em Nova York a aspectos que poderiam formar uma imagem positiva de FHC. Uma clara alusão a um futuro

⁶ O Estado de S. Paulo, 21/05/1993, Política, Especial, p. 1 – 8.

⁷ Veja, 26/05/1993, edição 1.289, p.25

⁸ Refere-se ao ex-governador de São Paulo Orestes Quércia, do PMDB, de quem FHC foi aliado partidário e político nos anos 70 e 80.

⁹ Veja, 26/05/1993, edição 1.289, p. 24-25.

diferente que poderia vir. Lá, FHC disse que prioridade absoluta de sua gestão seria o combate à inflação, sem congelamento de preços e salários, mais o controle de gastos públicos e a geração de empregos. Não haveria surpresas nem sustos no mercado. Adiantou que combater a inflação era a *prioridade número um do povo brasileiro*, mas sua administração buscava o equilíbrio do orçamento, controle das dívidas interna e externa, entre outras medidas, mesmo porque a inflação no Brasil tinha várias causas - a principal, *a desordem que gerou a desconfiança*. É por isso que FHC descartava o congelamento, uma coisa *excluída*, inclusive da *mentalidade dos brasileiros*, que não queriam *mais mágica fácil*.¹⁰

Na posse, durante um discurso de 35 minutos no Ministério da Fazenda, FHC voltou a falar de seus planos. Fez um balanço *positivo* da situação econômica nacional, sobretudo considerando os quadros das dívidas interna e externa e do comércio internacional, e disse que o Brasil já tinha a sua opção para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo: *a sociedade brasileira já optou. O caminho está traçado. Está traçado na vontade de um país que, não só sabe das potencialidades que tem, como se cansou*

da desordem. Nós já começamos a arrumar a casa.¹¹

Em seu discurso, FHC sinalizou claramente sua posição sobre a privatização, que não era, naquele momento, meramente uma questão ideológica. Foi importante para o desenvolvimento brasileiro, mas, dali em diante, não seria mais possível aumentar impostos ou buscar no Tesouro recursos para gastar *em empreendimentos que são de risco e muitas vezes não dão certo, como é natural da empreita econômica*.¹²

As reportagens com chamadas de capa da **Veja** e da **Istoé**, logo depois da posse de FHC na Fazenda, ilustram bem aquele momento da vida nacional. Na capa a **Veja** fala em *Grande Tacada* e complementa: *O grande desafio de Fernando Henrique é a última chance de Itamar Franco. A Istoé* duvida: *E Agora, Vai?* - e acrescenta que *Itamar tenta de novo com Fernando Henrique na Fazenda*.¹³

A **Veja** afirma que seria *a última chance de Itamar* colocar o governo nos eixos, a *grande tacada*, que poderia *fazer com que o Brasil, depois de ter atingido o fundo do poço em matéria de desgoverno, pudesse se recuperar e prosperar*, já que

¹¹ O Estado de S.Paulo, 22/05/1993, Economia & Negócios, p. 5.

¹² Idem.

¹³ Veja, 26/05/1993, edição 1.289, p. 17 – 25; Istoé, 26/05/1993, edição 1.234, p. 25 – 30.

¹⁰ Jornal do Brasil, 21/05/1993, Política e Governo, p. 3.

FHC era a *melhor escolha possível*. Se o professor FHC fazia *a aposta da sua vida*, o engenheiro Itamar Franco jogava sua *última cartada*. Se conseguissem controlar a inflação e estabilizar a economia, FHC teria *condição de surgir como um presidenciável imbatível* e Itamar entraria para a *história como o presidente que assumiu o poder em condições difíceis e mesmo assim conseguiu colocar o país nos trilhos e fez o sucessor*.¹⁴

A **Istoé** levantava dúvidas sobre a capacidade de FHC acertar um país que tinha um presidente temperamental e de convivência difícil, uma inflação da ordem de 30% ao mês e *mais de 70 milhões de pobres e miseráveis*. Mas reconhecia que, apesar dos problemas, no Congresso Nacional parlamentares do governo e da oposição avaliavam que suas chances eram melhores do que a dos antecessores.¹⁵

Nos jornais, discursos também referendam uma nova realidade que estaria por vir ou poderia vir com a administração. No mesmo dia da posse na Fazenda, a **Folha** publicou um artigo do ex-ministro do Planejamento Reis Veloso,¹⁶ no qual disse que o país respirava *aliviado ante a nomeação do ministro FHC para a Fazenda*, o que poderia ser o início de um

processo que conferia *homogeneidade e status mais elevado ao novo ministério*. Para Veloso, se a sua chegada de servisse de estímulo para que novos ministros tivessem um nível semelhante, o país estaria *avançando na direção do ministério de notáveis*.¹⁷

Nos dias seguintes à posse, existia no país um clima para um entendimento ou um pacto nacional, na avaliação de lideranças empresariais e de trabalhadores, segundo a **Gazeta Mercantil**, que cita, entre outros, o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, para quem o clima de boa vontade havia crescido nos vários segmentos da sociedade com a nomeação de FHC. *Há todo um ambiente favorável para, pelo menos, se abrir o debate para acertar pontos comuns de saída para a atual crise*, afirmou, com o argumento de que o próprio FHC poderia ser o *fiador dessa operação*, pela facilidade com que transitava no Congresso.¹⁸ Mas é evidente que, aqui e ali, surgiram críticas, até para justificar o papel plural da mídia. A Central Única dos Trabalhadores, controlada pelo PT, por exemplo, foi dura. Para seu presidente, Jair Meneguelli, nada mudaria. *Saíram um ministro de direita e uma de esquerda para entrar um de*

¹⁴ Veja, 26/05/1993, edição 1.289, p. 18.

¹⁵ Istoé, 26/05/1993, edição 1.234, p. 28.

¹⁶ João Paulo dos Reis Veloso foi ministro do Planejamento dos governos Emílio Médici, de 1969 a 74, e Ernesto Geisel, de 74 a 79.

¹⁷ VELOSO, Reis. "A modernidade de Fernando Henrique". Folha de S.Paulo, 21/05/1993, Opinião, p. 1 – 3.

¹⁸ Gazeta Mercantil, 2/06/1993, primeira página.

*centro-esquerda e outro general, de direita.*¹⁹

FHC integrava o *selecionado grupo de políticos e intelectuais que acompanharam as profundas mudanças ocorridas no mundo e no Brasil* e era reconhecido, aqui e lá fora, *como um jogador de primeiro time*, o que mudava a percepção que se tinha do Brasil no exterior, afirmou o jornalista Carlos Alberto Sardenberg, então diretor de jornalismo da Rede Bandeirantes, em texto publicado na **Folha**. Eis sua opinião:

*E lá vamos nós de novo, recomeçando a política econômica. Mas se em outras ocasiões a mudança inspirava sentimentos entre o desânimo e o conformismo, desta vez criou uma expectativa extremamente positiva. Não se trata de simples otimismo. A chegada de Fernando Henrique Cardoso ao Ministério da Fazenda gerou e espalhou por toda parte a percepção inédita de que a política econômica pode dar certo. (...) A chance não é apenas real. É de ouro. É difícil imaginar melhor combinação entre o homem, o cargo e o momento.*²⁰

¹⁹ O Globo, 21/05/1993, o País, p. 5. Na avaliação de Meneguelli, havia saído Eliseu Resende, de direita, e entrado em seu lugar FHC, de centro-esquerda. Na mesma ocasião, deixou o Ministério da Administração a ex-prefeita de São Paulo Luíza Erundina, de esquerda, substituída pelo general Romildo Canhim, que seria de direita.

²⁰ SARDENBERG, Carlos Alberto. “É uma chance de ouro, talvez a última”. Folha de S.Paulo, 23/05/1993, Dinheiro, p. 2 – 7.

Em seu texto, Sardenberg argumenta também que o fato de Fernando Henrique ser reconhecido como um *homem de frente* permitiria a formação de uma equipe de governo qualificada, de *primeiro time*. Lembra que havia *uma nova geração de economistas e gerentes que acabou triturada por desastres e azares políticos*, mas que estava amadurecida, com quase 10 anos de experiência e treinamento nos setores público e privado, um time *pronto para o jogo*, que FHC poderia utilizar.²¹

A reflexão sobre editoriais dos jornais, no dia 21 e seguintes, permite identificar que havia um casamento entre seus pontos de vista e o noticiário que chamarei aqui de informativo (as notícias e reportagens). Mais uma vez recorrendo a Traquina, lembro que os valores-notícia fazem parte da cultura jornalística e são partilhados, mas a *política editorial da empresa jornalística pode influenciar diretamente o processo de seleção dos acontecimentos por diversas formas* (Traquina, 2005:c, p.93)

Já no dia da posse de FHC, logo depois do anúncio de sua nomeação, portanto, a **Folha** diz que ele tinha uma *sólida reputação, reconhecida capacidade intelectual e credibilidade, além de um*

²¹ Idem. Sardenberg refere-se aqui à equipe de economistas que começou a trabalhar no governo com o Plano Cruzado, em 1986, e que, de fato, faria o Plano Real.

*bom trânsito em diversos setores da sociedade, no exterior e – muito importante – no próprio Congresso. No conjunto, uma série de atributos cruciais para enfrentar o gigantesco desafio de estabilização.*²² O **Estado** ressalta a formação e inteligência do novo Ministro da Fazenda, destacando o peso da responsabilidade que era assumir a pasta.

*O apoio praticamente unânime que cercou a indicação do senador Fernando Henrique Cardoso para a pasta da Fazenda resulta, mais do que do reconhecimento de seus inegáveis méritos intelectuais e morais, do sentimento de alívio que se apossou de quem se preocupa com a sorte das instituições.*²³

O **Globo**, em editorial, registra a imagem de um político alinhado com os novos tempos. Diz que FHC, pensador de esquerda, *revelou, na carreira política, ser imune à força deformadora do radicalismo e poderia dar um sentido pragmático ao programa de privatização, livrando-o da artificial disputa ideológica que o ameaçava. E não foi por acaso que os meios empresariais e os mercados receberam com serenidade (em alguns*

*casos, até com entusiasmo) a nomeação de FHC.*²⁴

Editorial da **Folha** reflete uma boa parte do sentimento da sociedade no momento da posse de FHC. Lembra que o fato de a especialidade de FHC não ser da área econômica não era tão relevante e diz:

*Com a indicação de Fernando Henrique Cardoso para a pasta da Fazenda, o país respira hoje um pouco mais aliviado. Não se ignora, evidentemente, a tarefa hercúlea que o novo ministro tem pela frente. (...) Ainda assim, a mudança é animadora. Em primeiro lugar porque encerra um período de crise e indefinição no cerne do governo, durante o qual a principal pasta do país era ocupada por um nome irremediavelmente desgastado. A confirmação do novo ministro titular atenua a tensão e a insegurança que se acumularam nos últimos dias e acirravam uma situação já demasiado grave. Em segundo lugar, porque o nome escolhido abre uma chance para que o governo abandone sua perigosa letargia atual.*²⁵

Na matéria de capa que publicou após a posse de FHC, já na 0ª “carta ao leitor”, em que explicita suas próprias opiniões, a **Veja** dá uma indicação do que

²² Folha de S.Paulo, 21/05/1993, Opinião, p. 1 – 2, editorial “Alívio e dúvidas”.

²³ O Estado de S.Paulo, 22/05/1993, Notas e Informações, p. A 3, “Missão que não pode falhar”.

²⁴ O Globo, 23/05/1993, Opinião, p. 6, “Trunfos políticos na economia”.

²⁵ Folha de S.Paulo, 21/05/1993, Opinião, p. 1 – 2, “Alívio e dúvidas”.

se esperava com a nomeação, que servira, antes de tudo, para *desanuviar o ambiente político e infundir a esperança em dias melhores*. O novo Ministro era um *intelectual de renome e um político* com credibilidade entre os empresários, meio sindical e o governo, em *condições de montar uma boa equipe, capaz de conduzir a economia*.²⁶

Em alguns de seus editoriais, os jornais procuram mostrar que, se tudo desse errado, a culpa não seria de FHC, que poderia ter o seu caminho interrompido pelo *temperamento mercurial* de Itamar, cercado de suas *comadres faladeiras*, todos incapazes de ver *que a frondosa árvore da crise tem como uma de suas principais raízes exatamente o estilo de governo do chefe de Estado*, como definiu o **Estado**.²⁷ O presidente era também a maior incógnita, *com seus rompantes intempestivos e comportamento errático*, embora pudesse recompor o *capital de confiança desperdiçado desde a posse* com a contribuição da *grande competência política de FHC*, segundo a **Folha**. O governo tinha a chance de um novo início com a expectativa positiva gerada com a nomeação de FHC, o que poderia ser revertido, se não houvesse o *apoio firme do chefe do governo*. A

²⁶ Veja, 26/05/1993, edição 1.289, p. 17.

²⁷ O Estado de S.Paulo, 22/05/1993, Notas e Informações, p. A 3, “Missão que não pode falhar”.

situação econômica era *bastante conturbada* e o Brasil precisaria *desesperadamente de estabilidade e de clareza de horizontes*. O presidente fizera uma boa escolha e restava esperar que mantivesse *com o novo ministro uma relação harmoniosa e produtiva*.²⁸

Conclusão

Este texto procurou refletir sobre o papel mídia impressa brasileira de referência (os principais jornais e revistas de circulação nacional) no processo inicial de construção da imagem do senador Fernando Henrique Cardoso, que saíria do Ministério da Fazenda, onde permaneceu por 10 meses (maio de 93 a março de 94) para uma eleição presidencial vitoriosa. Interessou a essa reflexão mostrar a coincidência, ou casamento, entre os enfoques do noticiário jornalístico e a política editorial das empresas. Ainda recorrendo a Traquina, podemos dizer que a direção dos grupos jornalísticos ou seus donos *podem influenciar o peso dos valores-notícia com sua política editorial, às vezes por razões pessoais, dando prioridade a certo assunto ou tema*. O autor recorre a Bourdieu, porém, para lembrar que os jornalistas *vêm certas coisas e não outras (...) e operam uma*

²⁸ Folha de S.Paulo, 21/05/1993, Opinião, p. 1 – 2, “Alívio e dúvidas”.

seleção e uma construção daquilo que é selecionado. (Traquina, 2005:d, p.77 – 94)

Traquina lembra que um dos valores notícia de construção é a **amplificação**, segundo a qual, *quanto mais amplificado é o acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada.* E que um dos critérios contextuais dos valores-notícia de seleção é a **concorrência** entre as empresas jornalísticas. (Traquina, 2005:e, p.89 – 91) Significa dizer que é impossível a um veículo de comunicação, em um regime democrático, simplesmente desconhecer o que o concorrente publica.

Este artigo procurou mostrar que houve uma espécie de consenso entre a imprensa na fase inicial de FHC na área econômica do Governo, no sentido de se construir uma imagem positiva do intelectual e homem público. Se fosse o caso de avançar nessa reflexão, como fiz na tese de doutorado indicada no início do texto, veríamos que, com o correr do tempo, a mídia foi também cumprindo o seu papel de informar, apresentar as versões e contradições que envolveram, primeiro um candidato, depois um Presidente da República e todo o seu Governo.

Se apoiou o Presidente FHC na maioria das vezes em seus embates com as oposições, especialmente o PT e o seu

braço sindical, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), em torno de questões como as privatizações de empresas estatais, a reforma da previdência e o fim dos monopólios do Estado, entre outras, a imprensa não deixou de criticar severamente os escândalos, a exemplo da denúncia de compra de votos de parlamentares para aprovar o projeto que permitiu a reeleição do Presidente, Governadores e Prefeitos, a tentativa de favorecimento a um grupo empresarial durante a privatização das empresas de telefonia estatais, no caso que ficou conhecido com o grampo do BNDES, ou a desvalorização do câmbio, em 1999.

É comum dizer que não há *objetividade absoluta* na mídia. Concordamos que o jornalismo não é neutro nem objetivo, pois a *produção jornalística sofre o filtro e a regulação dos agentes pelos quais passa*, mas também que nem todas as matérias são *tendenciosas, não-objetivas, descompromissadas de igual forma com os chamados 'fatos'* (Filho, 1993, p.130) O vai e vem da mídia na chamada *Era FHC*, ora construindo, ora desconstruindo sua imagem, mostra que, numa linguagem comum nas redações, *ninguém briga com a notícia*, pelo menos na imprensa que se pretende séria.

Referências Bibliográficas

ABRIC, J.C. 2001. O estudo experimental das representações sociais. IN: JODELET, D. (org.) Representações Sociais, Rio de Janeiro, Uerj.

CHARTIER, R. 1990. A história cultural – Entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil; Difel – Difusão Editorial.

FILHO, C.M. 1993. Jornalismo fin-de-siècle. São Paulo, Página Aberta, 1ª edição.

JODELET, D. 2001. Representações sociais: um domínio em expansão. IN: JODELET, D. (org), *Representações sociais*. Rio de Janeiro, Uerj.

NEGRA DE MELLO, M.T 1987. O espetáculo dos moradores do símbolo - a mobilização por “diretas-já” da perspectiva de Brasília/1984. Tese de doutoramento da Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes. São Paulo, mimeo.

ORLANDI, E. P. 1999. *Análise do Discurso.- princípios e procedimentos*. Campinas (SP), Pontes.

RENAULT, D. 2006. Nunca foi tão fácil fazer uma cruz numa cédula? A Era FHC nas representações da mídia impressa – 1993 – 2003. Brasília, Tese de doutorado no Departamento de História/UnB, 354 páginas.

TRAQUINA, N. 2005. Teorias do Jornalismo, Vol II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 1ª ed. Florianópolis, Insular.